



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB

CAMPUS I

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS – CCSA

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – DECOM

CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

ANA CAROLINA DIÓGENES MAGALHÃES

**A DÉCADA EM QUE NADA MUDOU: UM DOCUMENTÁRIO
SOBRE A BARBÁRIE DE QUEIMADAS**

CAMPINA GRANDE - PB

2022

ANA CAROLINA DIÓGENES MAGALHÃES

A DÉCADA EM QUE NADA MUDOU: UM DOCUMENTÁRIO SOBRE A BARBÁRIE DE QUEIMADAS

Relatório Técnico apresentado ao curso de Jornalismo do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Jornalismo.

Orientador: Prof^ª. Michele Wadja da Silva Farias

CAMPINA GRANDE - PB

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M189d Magalhães, Ana Carolina Diogenes.

A década em que nada mudou [manuscrito] : Um documentário sobre a Barbárie de Queimadas / Ana Carolina Diogenes Magalhaes. - 2022.

30 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2022.

"Orientação : Profa. Ma. Michele Wadja da Silva Farias, Coordenação do Curso de Jornalismo."

1. Documentário. 2. Crime de estupro. 3. Jornalismo. 4. Barbárie de Queimadas. I. Título

21. ed. CDD 070.4

ANA CAROLINA DIÓGENES MAGALHÃES

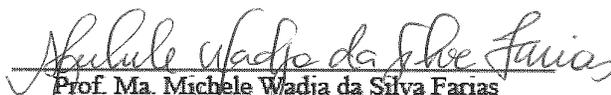
A DÉCADA EM QUE NADA MUDOU: UM DOCUMENTÁRIO SOBRE A BARBÁRIE
DE QUEIMADAS

Relatório Técnico apresentado ao curso de
Jornalismo do Centro de Ciências Sociais
Aplicadas da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Graduado em Jornalismo.

Área de concentração: Produção Jornalística.

Aprovado em: 28/03/2022

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ma. Michele Wadja da Silva Farias
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dra. Ada Keesa Guedes Bezerra
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dra. Cássia Lobão Assis
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*A todos aqueles que tiraram um
momento para acalmar meu coração e
confiar no meu potencial.*

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo a mim, por ter resistido, ter tido coragem para enfrentar cada situação e por cada queda que me fez ter mais desejo de levantar, foram anos de muita luta e paixão pelo que acredito. Com essa etapa, supere uma limitação que desde menina coloquei em minha mente e que com quem travei diversas discussões para convencer a artista que existe em mim de que tudo daria certo. Só mais um dia seria o suficiente para chegar no amanhã, e o amanhã é hoje.

Preciso, é claro, agradecer àqueles que estiveram comigo durante toda a caminhada: minha família. Desde cedo, fizeram de tudo para que eu voasse mais alto do que eu me permitia, me fazendo ver outras visões do mundo e entendendo que o Direito está em todo lugar, até mesmo em mim, que negava veementemente que iria me envolver com esse assunto. De cada um, herdei uma parte da minha personalidade: minha mãe, Iris, é o modelo de mulher que quero me tornar, que mesmo com um filho pequeno, antes mesmo da minha possibilidade de existir, agarrou com unhas e dentes a oportunidade de ser quem é, de bater no peito com o orgulho de ver o que conquistou; Do meu pai, Daliban, com quem sou extremamente parecida (e por isso talvez tenhamos tantos atritos), ganhei a perspicácia de me desdobrar para fazer dar certo, de pensar por outro ângulo até chegar no meu objetivo; Meu irmão, Andrey Levi, que é luz na minha vida e me ensinou a lição que mais me aperta o peito: respirar. Respirar e ter força, respirar e ser quem eu quiser ser; Ao meu amor, Gustavo Xavier, que me ensina todos os dias como o mundo está ao meu alcance. Minha infinita admiração por vocês.

Aos amigos, de dentro e de fora da universidade, obrigada por me manterem sã, por terem me visto chorar tantas vezes e entenderem que eu já estava muito além do que aquilo que eu enxergava. Alguns estão na minha vida há mais de uma década, outros há quatro anos, mas todos vocês viam o que sou hoje. Meu eterno agradecimento a Gabriel Heitor Alves, por sempre me lembrar que eu não preciso ter medo de me arriscar.

Obrigada, Michele Wadja, por ter aceitado me orientar e por acreditar que essa ideia chegaria em algum lugar. Por fim, mas não menos importante, preciso agradecer a essa Energia do Universo, que seja qual for o meu propósito, tem me ajudado a encontrar um caminho. Ser mulher não é fácil; ser mulher e tratar de um tema como esse é difícil e doloroso, mas necessário.

RESUMO

Este relatório explica como se desenvolveu o documentário “A década em que nada mudou” que em suma trata do trabalho humano por trás da notícia, na apuração dos fatos do crime conhecido nacionalmente como “Barbárie de Queimadas”, que envolve estupro coletivo, tortura e o homicídio de duas jovens. O material apresentado segue um formato mais humano da visão jornalística, já que expõe os sentimentos dos profissionais das áreas que atuaram no caso ao longo dos dez anos que se passaram desde o crime. A produção engloba entrevistas de familiares das vítimas, advogados, juízes, entre outros. O relatório demonstra os desafios envolvidos em desenvolver um documentário com tema que abalou a sociedade paraibana e da importância em trazer à tona casos de feminicídios que interferem na vida diária dos sobreviventes. Na composição do documentário foram usadas reportagens feitas por diferentes emissoras do estado da Paraíba que contribuíram na apuração e na cobertura do crime.

Palavras-Chave: Documentário; Barbárie de Queimadas; Crime; Feminicídio; Jornalismo.

ABSTRACT

This report explains how the documentary “The decade in which nothing changed” was developed, which in short deals with the human work behind the news, in the investigation of the facts of the crime known nationally as “Barbárie de Queimadas”, which involves gang rape, torture and the murder of two young women. The material presented follows a more human form of journalistic vision, as it exposes the feelings of professionals in the areas who worked on the case over the ten years that have passed since the crime. The production includes interviews with family members of the victims, lawyers, judges, among others. The report demonstrates the challenges involved in developing a documentary with a theme that shook society in Paraíba and the importance of bringing up cases of femicides that interfere with the daily lives of survivors. In the composition of the documentary, reports made by different broadcasters in the state of Paraíba were used, which contributed to the investigation and coverage of the crime.

Keywords: Documentary; Barbárie de Queimadas; Crime; Femicide; Journalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Entrevista com Isânia Monteiro, irmã de uma das vítimas.....	18
Figura 2 - Entrevista com Major Jonatha Midori Yassaki.....	18
Figura 3 - Entrevista com o advogado Francisco Pedro.....	19
Figura 4 - Entrevista com o repórter Artur Lira.....	20
Figura 5 - Entrevista com a juíza Flávia de Souza Baptista.....	20
Figura 6 - Entrevista com o promotor Márcio Teixeira.....	22
Figura 7 - Entrevista com o chefe de redação Carlos Siqueira.....	22
Figura 8 - Entrevista com a repórter Sabrina Lima das Chagas.....	23
Figura 9 - Entrevista com a delegada geral adjunta Cassandra Duarte e com o delegado geral André Rabelo.....	24
Figura 10 - Entrevista com o repórter Marcos Vasconcelos.....	25
Figura 11 - Arquivos TV Borborema.....	27
Figura 12 - Arquivos TV Paraíba.....	27
Figura 13 - Print Premiere.....	29

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	OBJETIVOS	13
	2.1 Geral.....	13
	2.2 Específicos	13
3	JUSTIFICATIVA	14
	3.1 Lei do Feminicídio e Lei Maria da penha.....	14
4	CRONOGRAMA.....	16
5	PRODUÇÃO	17
	5.1 Isânia Monteiro	17
	5.2 Jonatha Midori Yassaki.....	18
	5.3 Francisco Pedro da Silva.....	19
	5.4 Artur Silva Lira	20
	5.5 Flávia de Souza Baptista	21
	5.6 Márcio Teixeira de Albuquerque	22
	5.7 Carlos Siqueira	22
	5.8 Sabrina Lima das Chagas	23
	5.9 André Rabelo e Cassandra Duarte	23
	5.10 Marcos Vasconcelos	24
	5.11 Arquivos e reportagens	25
6	DETALHAMENTO TÉCNICO	28
7	PÓS PRODUÇÃO	28
	7.1. Orçamento	29
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
	REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

O estupro coletivo de Queimadas, conhecido como “Barbárie de Queimadas”, ocorreu no dia 12 de fevereiro de 2012. A cidade, que ficou conhecida nacionalmente após o crime, localiza-se no Agreste Paraibano e está a 138 km de distância da capital do estado, João Pessoa.

No crime, cinco mulheres foram violentadas, torturadas e sofreram cárcere privado após terem sido convidadas para uma festa de aniversário. Sem que as vítimas soubessem, elas seriam um “presente” para o aniversariante e seu irmão, que haviam tramado tudo quinze dias antes do evento, assim como para os outros homens que estavam envolvidos na armação. Durante a festa, homens encapuzados entraram dentro da casa forjando um assalto e abusaram das mulheres. Duas das vítimas foram assassinadas após reconhecerem os algozes que praticavam os atos. Devido à brutalidade com que o crime foi cometido, o fato ganhou repercussão no país e rapidamente foi elucidado.

Recentemente, o caso teve duas atualizações, sendo uma delas o homicídio de um dos participantes do crime (que estava em liberdade condicional após oito dos trinta anos de cadeia a que foi sentenciado) e a fuga do mentor da barbárie, Eduardo dos Santos Pereira, da Penitenciária de Segurança Máxima Doutor Romeu Gonçalves de Abrantes (PB1) de João Pessoa, em 2020. Visto isso, fica claro que o caso ainda gera forte repercussão, mesmo após uma década do ocorrido. O feminicídio - ápice do crime investigado por este documentário - é, conforme elucidado Menicucci (2015), repleto de nuances e portanto, toda produção que evidencie os seus perigos e impactos é válida.

Essa forma de assassinato não constitui um evento isolado e nem repentino ou inesperado. Ao contrário: faz parte de um processo contínuo de violências, cujas raízes misóginas caracterizam-se pelo uso da violência extrema. Inclui uma vasta gama de abusos, desde verbais, físicos, sexuais, como o estupro, e diversas formas de mutilação e de barbárie (MENICUCCI, 2015, online)

A proposta deste produto (documentário) é ver o outro lado dos profissionais que trabalharam na apuração do crime e como o lado humano dos personagens se relacionou com a função que exerciam. Esta investigação busca também entender como a interação entre as instituições - imprensa, polícia e poder judiciário - aconteceu e compreender como o estreitamento das relações entre elas garantiu a agilidade na apuração e penalização dos suspeitos.

O crime foi um grande abalo na história da cidade, da Paraíba e do país, no que diz respeito à violência contra a mulher. O documentário tem a intenção de homenagear

a memória das vítimas e levantar o debate sobre as atualizações ao longo do tempo, contando também com auxílio de reportagens feitas durante a década, que auxiliaram a dar ênfase à divulgação do delito.

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

Produzir um documentário cinematográfico em média-metragem sobre a “Barbárie de Queimadas”, ocorrida em fevereiro de 2012, compreendendo de que forma foi feita a apuração de dados jornalísticos sobre o crime e dando visibilidade ao lado humano dos profissionais que trabalharam no caso.

2.2 Específicos

1. Reunir materiais jornalísticos a respeito do caso, adicionando-os à narrativa;
2. Comparar entre os personagens de que forma o crime afetou as suas relações de trabalho;
3. Investigar com profundidade as atualizações do crime;
4. Manter viva a memória das vítimas e instigar o debate sobre a violência contraa mulher;
5. Defender o produto midiático como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

3 JUSTIFICATIVA

Diante do atual cenário social, marcado pela violência contra a mulher e o feminicídio (enquanto consequência disso), a realização de produtos cinematográficos que abordam casos como o da Barbárie de Queimadas é essencial para que se mantenha vivo o debate sobre as causas e consequências de tamanha atrocidade. De acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, foram registrados 1.350 casos de feminicídios no Brasil em 2020, sendo 29 desses casos na Paraíba.

A escolha por um documentário jornalístico de tipo expositivo enquanto produto se dá, sobretudo, pela acessibilidade ofertada pelo formato e suas possibilidades narrativas, oportunizando o entendimento da história por diversas pessoas em diferentes graus de escolaridade, estratos sociais e afins. Ademais, é válido mencionar a importância da produção cinematográfica e sua contribuição para a criação de uma realidade que emerge de um fato jornalístico, como explana Tomás Alea:

O idealismo do cinema não está na sua suposta capacidade de captar a realidade "tal como ela é" (que é somente "tal com ela aparenta ser"), mas na sua capacidade de revelar, através de associações e relações de diversos aspectos isolados da realidade - isto é, através da criação de uma "nova realidade" - camadas mais profundas e essenciais da própria realidade (ALEA, 1984, p. 42-3).

É importante ainda apontar o valor jornalístico de uma narrativa capaz de humanizar profissionais que têm, na inerência do seu ofício, o dever de agir com imparcialidade e por vezes suprimem suas emoções em detrimento da posição que ocupam na sociedade. Jornalistas, policiais, juízes, promotores, advogados e tantos outros profissionais envolvidos em crimes também podem e devem ser ouvidos e este trabalho sobre a “Barbárie de Queimadas” se empenha não somente na investigação criminal, mas também em oportunizar um depoimento dos seres humanos por trás dos acontecimentos.

A intenção para a escolha do formato do produto em documentário foi para que as reportagens produzidas ao longo dos anos pudessem ser revisitadas, aproveitadas e servidas de embasamento fiel de como o jornalismo foi desenvolvido ao longo da década.

3.1 Lei Maria da Penha e Lei do Feminicídio

Durante os estudos para o desenvolvimento do documentário alguns pontos foram foco principal na forma com que se debateria o crime, levando em consideração que uma das maiores leis de proteção a mulher havia sido sancionada seis anos antes do caso. A lei

Maria da Penha tem sua história traçada após sucessivas violências sofridas por Maria da Penha, todas causadas pelo próprio marido.

Uma das principais violências foi em 1983, quando é vítima de uma tentativa de homicídio (na época o crime de feminicídio ainda não existia na legislação brasileira), seguida de outras tentativas ao longo dos anos.

A luta de Maria da Penha não se limitou a pena que o ex-companheiro foi condenado, ela se tornou uma ativista dos direitos das mulheres para garantir a proteção de outras que sofrem das mesmas violências das quais ela foi vítima. Em 2006, a lei nº11.340, que leva o nome da vítima, foi sancionada pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A nova legislação defende a proteção feminina de toda e qualquer mulher, com destaque ao artigo terceiro, parágrafo primeiro.

O poder público desenvolverá políticas que visem garantir os direitos humanos das mulheres no âmbito das relações domésticas e familiares no sentido de resguardá-las de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 2006).

Os estudos das leis de proteção a mulher no código penal serviriam como embasamento para desenvolver as entrevistas com o âmbito judicial do documentário, no caso do trecho em destaque auxiliando em fomentar debates sobre como o poder público se fez presente no julgamento, condenação aos agressores e apoio as vítimas.

Em sequência, outra lei que resguarda a mulher e penaliza quem comete os crimes contra as mesmas é a lei do feminicídio, incluída e sancionada em 2015 como crime hediondo, poucos meses após a condenação de Eduardo dos Santos Pereira, mentor da barbárie que baseia o presente documentário. A lei de número nº13.104, é aplicável quando as razões do crime são cometidas devido ao gênero da vítima, ou seja, quando o crime é cometido apenas por se ser mulher.

Como mencionado anteriormente, a violência contra o sexo feminino é intrínseca na sociedade. A barbárie de Queimadas, através dos processos, reportagens e entrevistas, retrata como a condição de ser mulher foi o fator crucial para que os algozes se sentissem na liberdade de cometer o crime, apesar de não terem sido condenados com a lei do feminicídio.

4 CRONOGRAMA

Para o desenvolvimento do documentário foi necessário estudar os processos e também fazer a análise de diversas matérias em arquivos, por isso, em alguns momentos as atividades se sobrepõem no planejamento. Devido à pandemia da COVID-19 (mais especificamente por causa da variante ÔMICRON), algumas gravações foram adiadas e foram feitas em concomitância à edição. Segue a ordem cronológica dos eventos até a defesa do TCC:

Atividade	OUT/21	NOV/21	DEZ/21	JAN/22	FEV/22	MAR/22
Planejamento e pesquisa	X	X				
Produção			X	X		
Gravação				X	X	X
Roteiro de edição					X	X
Montagem e finalização do DOC					X	X
Finalização e revisão do relatório						X
Apresentação e defesa do TCC						X

5 PRODUÇÃO

A ideia para a realização desse documentário começou ainda durante a metade do ano de 2021 e o contato com as fontes foi sendo realizado ao longo dos meses seguintes, vários dos personagens foram contactados no mês de dezembro do mesmo ano e, por causa das festas de fim de ano, a maioria pediu para que fossem lembrados novamente no mês de janeiro de 2022. Com essa postergação nas conversas e gravações, foi esperado pela equipe que as gravações aconteceriam em um prazo mais curto, por isso a descrição a seguir foi feita em ordem cronológica de gravações.

5.1 Isânia Monteiro

A primeira pessoa que entrevistamos foi Isânia Monteiro, no dia 04 de janeiro de 2022. Ela é irmã de uma das vítimas que foi assassinada na Barbárie e de outra que sobreviveu aos abusos. A sensação é de termos começado pelo mais difícil, pois optamos por seguir uma linha do tempo nas entrevistas de forma que a história na parte de gravações fosse do contato mais direto ao convívio indireto com as vítimas, o que ajudaria a construir uma noção de como conversar com o próximo personagem.

A questão de falar com Isânia foi complicada pois escutar sobre alguém que faleceu de uma forma tão trágica, na voz de uma pessoa que a amava, não é fácil. Rapidamente ela se emocionou e levou a entrevista para outro patamar quando falou da história de vida de Isabela e contou os sonhos dela, os desafios que ela tinha ultrapassado. Isânia entendeu a dor da irmã e se colocou no lugar dela no momento do crime, assumiu o momento delicado e o reverteu em luta feminista do combate à violência contra a mulher. Escutá-la e desenvolver feições neutras, foi um dos momentos mais complicados do desenvolvimento do documentário pois o desejo de nos aproximarmos da entrevistada e quebrar a barreira da imparcialidade era iminente.

Da mesma forma com que se pretende retratar na produção o lado humano do profissional, durante as entrevistas a reflexão era do quanto ajudaria no empoderamento do discurso da entrevistada quando ela percebesse a emoção que todo o relato dela nos causava. Toda a coleta de material, incluindo a montagem dos equipamentos e a conversa preliminar a entrevista levou quase duas horas, já que tudo foi feito com muito cuidado para que a personagem se sentisse confortável para falar sobre um assunto tão particular.

Figura 1 - Entrevista com Isânia Monteiro, irmã de uma das vítimas



5.2 Jonatha Midori Yassaki

Devido à pandemia só tivemos condições de gravar com o major Jonatha Midori Yassaki no dia 04 de fevereiro, exatamente um mês após a gravação com Isânia. O oficial Yassaki na época do crime foi um dos primeiros policiais a ter contato com as vítimas e com os suspeitos, então sua fala guiaria a primeira visão do caso por parte oficial, dois anos depois do crime ele também foi convocado para relatar sua versão dos fatos no julgamento de Eduardo (mentor do crime).

Para essa gravação precisamos nos deslocar novamente até a cidade de Queimadas. No local, pudemos conversar tranquilamente com o major, que, o tempo inteiro, se mostrou muito disposto a ajudar, sendo bastante proativo nas necessidades da equipe. Após uma conversa de quase catorze minutos, tendou uma pequena pausa devido a uma interrupção feita pelo rádio do oficial que informava uma pessoa que era suspeita de furto, finalizamos a entrevista. O personagem disse em diversos momentos de como o caso foi um dos que mais o abalou e que na época ele desconhecia um tipo de violência tão brutal contra mulheres. A ideia do documentário de transmitir a humanidade dos profissionais que trabalhavam no caso começou a ficar mais explícita.

Figura 2 - Entrevista com Major Jonatha Midori Yassaki



5.3 Francisco Pedro da Silva

Quatro dias após a conversa com o Major Yassaki, tivemos a oportunidade de gravar com o advogado das vítimas, doutor Francisco Pedro da Silva. Doutor Francisco, desde julho de 2021, quando a ideia de fazer esse documentário surgiu, já se mostrava pronto para colaborar com a produção e guiou, de forma remota, como ter acesso aos processos no fórum de Queimadas. O advogado nos recebeu em seu escritório que fica localizado no centro de Campina Grande, e após uma organização no local em que seria gravada a entrevista, pudemos começar a conversar.

Durante todo o depoimento Francisco parecia ainda inconformado com o desenvolvimento do caso, já que com a fuga do mentor da Barbárie o sentimento expresso por ele era de que todo o seu trabalho tinha sido em vão. Enquanto os outros dois entrevistados pareciam evitar detalhes mais pesados do caso, o doutor falou de forma aberta informações que não havia necessidade de serem divulgadas pela mídia, mas que já que eram de conhecimento da equipe por termos tido acesso aos depoimentos detalhados das vítimas. A entrevista durou vinte minutos devido a extensão das respostas às perguntas.

Figura 3 - Entrevista com o advogado Francisco Pedro



5.4 Artur Silva Lira

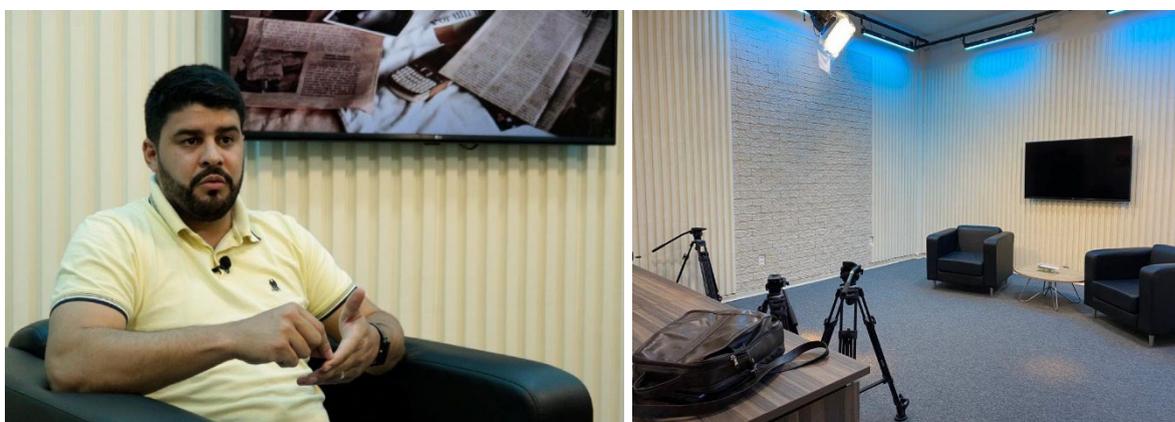
O repórter Artur Lira, que atualmente trabalha na TV Paraíba, mas que na época era estagiário da rádio Serra Branca FM, iniciou a conversa contando como foi o primeiro contato com o caso e o seu depoimento passa desde a situação de estar sendo introduzido no jornalismo como depois de uma década foi continuar lidando com o caso.

De acordo com Artur, foi muito forte o impacto que o crime teve em sua formação pois ele nunca tinha escutado o termo “estupro coletivo” e que não conseguia conceber a ideia de tal barbaridade acontecendo. O repórter ainda explica como foi feita a apuração e o que os relatos, para um jovem de dezenove anos que estava saindo da adolescência, o desestabilizaram na época.

Artur ainda ressaltou que o conteúdo divulgado para o público não é 10% do que foi descrito no processo, na perícia e nos laudos, mas que algumas informações não precisam ser divulgadas para que o caso seja entendido, o que era exposto sem filtros normalmente seria o sensacionalismo para atrair o público e ainda nos reforçou de que os casos violentos são relatados não para atrair a audiência, mas sim para cobrar as autoridades e manter a sociedade alerta dos perigos que ainda são presentes no dia a dia.

A entrevista, que durou vinte e quatro minutos, permitiu ao repórter reflexões sobre como se sentiu com o caso. Apesar da duração estendida, as respostas foram precisas em retratar as opiniões dele, permitindo que mesmo durante a gravação fosse possível perceber os locais de corte adequados na fala.

Figura 4 - Entrevista com o repórter Artur Lira



5.5 Flávia de Souza Baptista

A juíza de direito Flávia Baptista nos recebeu em sua casa, em Campina Grande,

para gravarmos sobre como tinha sido sua participação e como tinha se desenrolado o caso. Ela foi a juíza que julgou o caso na comarca de Queimadas e foi até o julgamento em João Pessoa, após o caso ter sido desaforado para a capital.

A conversa com Flávia foi tranquila, ela já havia dado diversas entrevistas sobre o caso ao longo dos anos e deixou claro como tinha sempre que se portar de forma neutra para que o julgamento se mantivesse imparcial. Durante a conversa, a juíza falou de um momento que tinha ficado marcado na memória dela, foi quando uma das vítimas estava chorando muito e, abalada por ter que relatar novamente os abusos que sofreu, a mulher precisou ser colocada em outra sala. A vítima teira começado a rezar com um terço enrolado no pulso e depois de alguns minutos se declarou pronta para testemunhar. Conversamos com a doutora Flávia por quinze minutos e depois disso seguimos para o próximo entrevistado.

Figura 5 - Entrevista com a juíza Flávia de Souza Baptista



5.6 Márcio Teixeira de Albuquerque

O promotor de justiça de Queimadas, Márcio Teixeira, nos recebeu em sua casa e, por já ter uma vasta experiência com casos de violência, relatou que sua principal preocupação na época em que o caso ocorreu seria de que crimes daquela natureza estariam “chegando” na Paraíba. Ele relatou como era um caso complexo por compor muitas testemunhas e acusados, mas que as evidências para condenação eram tantas que não se havia dúvida da veracidade do caso.

Devido ao fato de que o entrevistado deu algumas respostas apáticas, a conversa se estendeu por catorze minutos na tentativa de que algum trecho pudesse ser usado na produção.

Figura 6 - Entrevista com o promotor Márcio Teixeira



5.7 Carlos Siqueira

Para representar uma visão mais ampla dos jornalistas, o convidado para conversar conosco foi o chefe de redação e apresentador do JPB2 (TV Paraíba) José Carlos Magalhães de Siqueira. Durante a entrevista ele relatou como foi a semana do desenrolar do caso, quando diversos repórteres tinham contato com a notícia da barbárie e ficavam cada vez mais impactados com um relato que era dividido com os mesmos por meio de delegados e outros envolvidos. Por causa da relação de proximidade com o entrevistado, levando em consideração que a equipe já havia prestado estágio na instituição em que ele trabalha, a gravação ocorreu de forma tranquila e durou em média 10 minutos nos quais o entrevistado reforçou a importância de vivenciar as emoções humanas, mastransmitindo a informação de forma neutra.

Figura 7 - Entrevista com o chefe de redação Carlos Siqueira



5.8 Sabrina Lima das Chagas

No caso da repórter Sabrina Lima das Chagas, sua participação só foi cogitada após recebermos as reportagens de arquivo da TV Borborema, e, após analisarmos algumas delas foi possível encontrar uma matéria em que ela trazia a temática de dois anos depois da “barbárie” ter ocorrido.

Durante a entrevista, descobrimos que ela estava atuando como repórter há apenas quatro meses quando o crime ocorreu e que foi uma das suas primeiras experiências mais chocantes ao longo de seus dez anos na profissão. Em certo momento da entrevista, no qual ela comenta sobre como isso a afetou e sobre a sua visão como mulher, ficou claro que ela estava se emocionando ao lembrar de tudo que aconteceu e de como isso a abalou na época.

Sabrina nos recebeu de forma muito simpática e tomou cuidado em procurar um local para que a entrevista fosse feita sem sermos interrompidos, já que estava perto do horário de um dos jornais da emissora e o ambiente estava movimentado. A entrevista inteira durou 14 minutos e com ela nos possibilitou acessar uma visão feminina da cobertura do caso.

Figura 8 - Entrevista com a repórter Sabrina Lima das Chagas



5.9 André Rabelo e Cassandra Duarte

As entrevistas com os delegados do caso atrasaram o processo de gravações, já que por terem se tornado delegados gerais do estado seu tempo disponível era bem menor. Devido ao fato de que o prazo estava ficando reduzido, combinamos com o assessor da Polícia Civil da Paraíba, Saulo Muniz, para irmos até a delegacia geral em João Pessoa e ficamos esperando até os entrevistados terem um momento livre.

A espera para conversar com a delegada geral adjunta, Cassandra Duarte, foi de

duas horas. Após essa espera, tivemos o período de 10 minutos para gravarmos e, apesar do tempo curto, a entrevista foi muito esclarecedora, já que vimos um papel mais complexo de como eles entenderam o que realmente tinha acontecido no crime.

Na entrevista seguinte, com o doutor André Rabelo, ele comentou como foi o primeiro e único caso em que atuou que ocorreu nas mesmas circunstâncias de premeditação do delito e da forma como ocorreu. A entrevista com o delegado geral durou 21 minutos e após o término da entrevista ambos os delegados conversaram entre si e perceberam que estavam atuando lado a lado novamente após 10 anos de um crime que os marcou profissionalmente.

Figura 9 - Entrevista com a delegada geral adjunta Cassandra Duarte e com o delegado geral André Rabelo



5.10 Marcos Vasconcelos

A entrevista com o repórter Marcos Vasconcelos serviu para relacionarmos as matérias feitas por ele na época em que estava atuando na TV Paraíba, já que atualmente ele é repórter na TV Borborema. Logo no primeiro momento em que as imagens da emissora foram recebidas, detectamos que um dos primeiros repórteres a terem contato com o crime foi Marcos, então por isso resolvemos que ele conseguiria relatar de forma mais direta como tinha sido seu trabalho naquela situação. Como estávamos na mesma emissora que havíamos gravado com Sabrina, optamos por gravar no refeitório da emissora e isso deu um aspecto mais informal.

Ao contrário de todos os outros entrevistados, Marcos preferiu permanecer de máscara durante as gravações e, levando em consideração que deixamos para que o personagem conversasse conosco da forma que se sentisse mais confortável, seguimos a entrevista dessa forma.

Marcos relatou que foi para Queimadas, na época do crime logo após o velório das

vítimas, quando já se sabia a real versão de como o caso tinha acontecido e que precisou conversar com a mãe de uma das garotas assassinadas. Durante a conversa, ele pode perceber que a mulher estava completamente dopada e a descreveu como se estivesse apenas com “o corpo presente, que ela estava apenas viva”. Após a conversa com Marcos, que durou 11 minutos, finalizaram-se as gravações com os personagens do documentário.

Figura 10 - Entrevista com o repórter Marcos Vasconcelos



5.11 Arquivos e reportagens

Devido ao fato de que o documentário faz uma retrospectiva da última década na cobertura do caso da “Barbárie de Queimadas”, alguns arquivos foram necessários para embasar e também aprofundar o entendimento de tudo que aconteceu. Para a construção do material, contamos com a disponibilização das reportagens feitas pela TV Paraíba, afiliada Globo, e da TV Borborema, afiliada SBT, ambas localizadas em Campina Grande.

As retrancas da tabela a seguir foram adaptadas para explicar o conteúdo de cada produto, além de algumas serem descritas como “parte 1/parte 2” para justificar o fato de terem sido reproduzidas de formas diferentes em cada jornal de uma mesma emissora

Nome da reportagem	Ano	Emissora
DIA SEGUINTE/CRIME/QUEIMADAS	2012	TV PARAÍBA
TERÇA/CRIME/BARBÁRIE	2012	TV PARAÍBA
COMPILADO/REPORTAGENS/FITA	2012	TV PARAÍBA
AUDIÊNCIA/CASO/QUEIMADAS	2012	TV BORBOREMA
IMAGENS/CHEGADA/SUSPEITOS	2012	TV BORBOREMA
IMAGENS/EDUARDO/MENTOR	2012	TV BORBOREMA

JUÍZA/FALA/CONDENAÇÃO	2013	TV PARAÍBA
UM ANO/CASO/QUEIMADAS	2013	TV BORBOREMA
UM ANO/CASO/QUEIMADAS - PT1	2013	TV PARAÍBA
UM ANO/CASO/QUEIMADAS - PT2	2013	TV PARAÍBA
DOIS ANOS/ESTUPRO/QUEIMADAS	2014	TV BORBOREMA
DOIS ANOS/ESTUPRO/QUEIMADAS - PT1	2014	TV PARAÍBA
DOIS ANOS/ESTUPRO/QUEIMADAS - PT2	2014	TV PARAÍBA
MÃES/DOR/BARBÁRIE	2014	TV BORBOREMA
FAMÍLIA/AGUARDA/JULGAMENTO	2014	TV PARAÍBA
950 CRIME/AGUARDO/JULGAMENTO	2014	TV PARAÍBA
PRÉ-AUDIÊNCIA/MENTOR/BARBÁRIE	2014	TV PARAÍBA
AUDIÊNCIA/BARBÁRIE/QUEIMADAS	2014	TV PARAÍBA
APÓS-AUDIÊNCIA/MENTOR/BARBÁRIE	2014	TV PARAÍBA
LEILÃO/BENS/CONDENADOS	2015	TV PARAÍBA
CINCO ANOS/MISSA/CRIME	2015	TV PARAÍBA
SETE ANOS/CRIME/BARBÁRIE	2017	TV PARAÍBA
ANIVERSÁRIO/BARBÁRIE/QUEIMADAS	2019	TV BORBOREMA
FUGA/MENTOR/BARBÁRIE	2020	TV BORBOREMA
DEZ ANOS/BDPB/G1	2022	TV PARAÍBA
DEZ ANOS/BARBÁRIE/QUEIMADAS	2022	TV BORBOREMA

Figura 11 - Arquivos TV Borborema

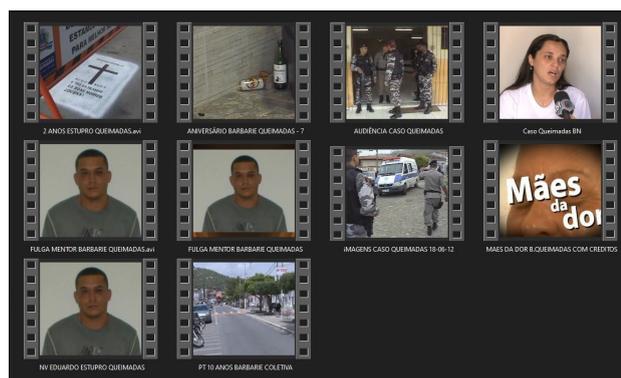
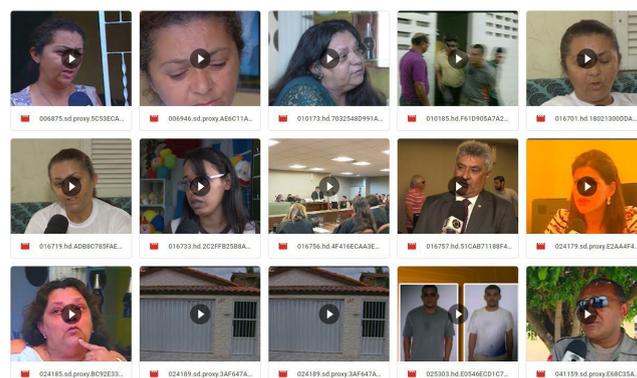


Figura 12 - Arquivos TV Paraíba



6 DETALHAMENTO TÉCNICO

Todo o material usado para o construir o documentário foi de uso próprio, para isso usamos nas gravações uma câmera DSLR modelo EOS Rebel T6i da Canon, Sensor CMOS tipo APS-C (Aprox. 22,3 x 14,9mm) e em outros momentos uma câmera mirrorless modelo Sony ILCE-6500, Sensor Exmor CMOS tipo APS-C (23,5 x 15,6 mm). As objectivas usadas foram as Lentes Canon EF-S 18-55mm f/3.5-5.6 IS STM e a Lente Sigma 30mm f/1.4 DC DN Contemporary.

Para o armazenamento das entrevistas foram usados um cartão SanDisk Ultra de 32Gb e um cartão de memória SanDisk Extreme PRO SDXC UHS-I - C10, U3, V30, 4K UHD, com 16Gb. Como backup, para garantir que nenhum arquivo fosse perdido, o material foi salvo também em um HD externo da Western Digital de 2TB. Nas gravações foram utilizados dois tripés, um sendo o Tripé Profissional Cabeça Semi-Hidráulica 180cm e um tripé Benro Kh-25rn hidráulico.

O formato de gravação foi o Full HD (1920x1080 pixels). Para a captação de áudio foi usado o microfone de lapela Boya BY-m1 conectado à um Iphone 11 de 64GB e o microfone cardióide Boya BY-mm1 acoplado à câmera.

Para as imagens aéreas foi utilizado um drone Mini 2 da marca DJI com um cartão micro SD de 64GB.

7 PÓS-PRODUÇÃO

O primeiro pensamento para desenvolver o documentário foi de impactar quem estivesse assistindo logo nos primeiros minutos, dessa forma conectamos diversas reportagens feitas ao longo dos anos para construir uma narrativa em que um repórter fosse continuando a frase do outro (procedimento de bricolagem), dando continuidade à linha do tempo ao longo dos dez anos.

Para introduzir o espectador à história, começamos com uma manchete feita por Patrícia Rocha e Lucy Alves, apresentadoras do Bom Dia Paraíba em 2012. Elas contam as primeiras informações do caso e falam a manchete avisando aos telespectadores da época que será exibido uma reportagem para explicar mais detalhadamente o caso, neste momento se tem um corte e na sequência são exibidas as entrevistas que foram feitas com os policiais envolvidos na operação.

O crime é contado desde o primeiro momento, em que ainda se achava que era um roubo a residência, e aos poucos foi sendo introduzido no documentário a linha de raciocínio elaborada pelos profissionais para solucionar o caso, em vários momentos entre as sonoras são inseridas reportagens da época para que a população também consiga visualizar a evolução do caso.

Durante a edição, surgiu a ideia de separar o documentário em blocos para que as junções das falas ficassem mais claras. Assim, ao olhar a linha do tempo feita é possível dividi-la em: o crime sendo contado pelos policiais, os jornalistas apurando a situação, o julgamento por parte da justiça, o choque pela fuga e as reflexões que tudo isso gerou.

O documentário inteiro foi formulado para que uma fala complementasse a outra, eliminando a necessidade de um narrador, desta forma a variação na qualidade das imagens é perceptível, tendo em vista as diferentes circunstâncias de captação do material ao longo dos anos. Já a escolha da trilha sonora da produção baseava-se em transmitir a sensação de melancolia e tensão, durante a edição se partiu a necessidade de transformar o material em algo ainda mais particular e foi desenvolvido uma música original para o documentário. Assim, foi pedido para a artista *Iedja* compor uma música para acompanhar a edição e transcrever na melodia o sentimento de todo o crime.

Por fim, o documentário se conclui com a posição da Secretaria de Administração Penitenciária por meio de uma nota (já que após diversos contatos essa foi a forma mais adequada pela qual decidiram se posicionar), com a resposta da Interpol sobre o paradeiro do procurado e com uma homenagem à Isabella Pajuçara, a sua mãe Maria de Fátima Frazão, que faleceu em 2020, e a Michelle Domingues. Além de colocar um alerta com a foto do mentor da barbárie com o número do DISQUE DENÚNCIA197.

Figura 13 - Print Premiere



7.1 Orçamento

Serviço	Valor	Como foi feito
Gravações (com a câmera do profissional)	R\$ 150,00 por dia (x 10 diárias)	Equipamento próprio
Imagens aéreas	R\$ 300,00 por dia	Equipamento próprio
Canção Original	R\$ 500,00	Colaboração
Montagem	R\$ 2.000,00	Equipamento próprio
Mixagem	R\$ 500,00	Equipamento próprio
Finalização	R\$ 1.500,00	Equipamento próprio
Total	R\$ 6.300,00	

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia para este documentário surgiu muito antes da possibilidade da própria existência dele. Divagações, reflexões e comentários durante os dois últimos anos me fizeram perceber a importância de trazer o tema dessa forma para o público de aplicar uma visão que normalmente não é partilhada entre os profissionais citados durante todo o trabalho.

Desde a escolha do tema, foi como se um roteiro se montasse na minha mente, imaginando as infinitas possibilidades de criar um conteúdo que servisse tanto para homenagear as vítimas quanto para nos fazer pensar o quanto da humanidade e das emoções muitos profissionais precisam colocar “de lado” para conseguirem lidar com os fatos que rodeiam as nossas vidas. Após toda a produção, percebo que parte do aprendizado jornalístico vem da academia, mas que a maturidade para enfrentar as situações vem com as experiências, já que ler o processo que detalhou um crime bárbaro me preparou, de certa forma, para entender a dor de muitos dos entrevistados. Eles, assim como eu, esforçaram-se para filtrar o que merecia ser divulgado e o que a sociedade não estava pronta (e nem precisava) para ficar sabendo.

A produção cinematográfica é cheia de desafios e neste trabalho houveram muitos deles, da escolha de quais personagens deveriam participar à decisão sobre quais mereciam odireito ao esquecimento e ainda sobre quais, - infelizmente - teriam de ser substituídos por falta de retorno no contato estabelecido. A criação de um projeto que depende, principalmente, do próprio apoio da mídia local foi um salto de fé de que os jornalistas aceitariam ser vistos por outra perspectiva e que a comparação com seu lado profissional fosse feita.

Ao final de tudo, ficam os pontos positivos de produzir um material que não só demonstra para o espectador como tudo aconteceu para quem estava na frente das câmeras, mas que as permite ampliar suas opiniões sobre como trabalha cada profissional e reforça a importância de cada um no entendimento de uma notícia, seja cumprindo sua função literalmente, acalmando uma vítima ou apenas filtrando o que a sociedade deve escutar - ou não - para progredir.

REFERÊNCIAS

ALEA, T. **Dialética do Espectador: Seis Ensaios do Mais Laureado Cineasta Cubano**. [S. l.]: Summus, 1984.

ARMA usada em barbárie na PB era de Eduardo dos Santos, diz promotor. **G1 Paraíba**, João Pessoa, 26 de set. de 2014. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2014/09/arma-usada-em-barbarie-na-pb-era-de-eduardo-santos-diz-promotor.html>> Acessado: 01 de março 2022

‘BARBÁRIE de Queimadas’: PB aciona Interpol para capturar fugitivo. **Portal Correio**, João Pessoa, 26 de nov. de 2020. Disponível em:

<<https://portalcorreio.com.br/barbarie-de-queimadas-paraiba-aciona-interpol-para-capturar-fugitivo/>>. Acessado: 01 de março 2022

BRASIL. Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006. Dispõe sobre a lei Maria da Penha. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11340.htm>. Acessado: 06 de abril de 2022

BRASIL. Lei nº 13.104, de 09 de março de 2015. Dispõe sobre a lei do feminicídio. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/13104.htm>. Acessado: 06 de abril de 2022

CARNEIRO, K. Acusado de planejar estupro coletivo em 2012 na Paraíba vai a júri. **G1 Paraíba**, João Pessoa, 25 de set. de 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2014/09/acusado-de-planejar-estupro-coletivo-em-2012-na-paraiba-vai-juri.html>> . Acessado: 01 de março 2022

CARNEIRO, K. Grupo invade casa durante festa, faz reféns e mata duas na fuga na Paraíba. **G1 Paraíba**, João Pessoa, 12 de fev. de 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2012/02/grupo-invade-casa-durante-festa-faz-refens-e-mata-duas-na-fuga-na-paraiba.html>>. Acessado: 01 de março 2022

CARNEIRO, K. Irmã de vítima de estupro coletivo luta por direitos das mulheres na Paraíba. **G1 Paraíba**, João Pessoa, 08 de mar. de 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2017/03/irma-de-vitima-de-estupro-coletivo-luta-por-direitos-das-mulheres-na-paraiba.html>>. Acessado: 01 de março 2022

CELEBRAÇÃO relembra 'Barbárie de Queimadas', sete anos após o crime, na PB. **G1 Paraíba**, João Pessoa, 12 de fev. de 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2019/02/12/celebracao-relembra-barbarie-de-queimadas-sete-anos-apos-o-crime-na-pb.ghtml>>. Acessado: 01 de março 2022

DEPOIMENTOS revelam como estupros em festa na Paraíba foram planejados. **G1 Paraíba**, João Pessoa, 17 de fev. de 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2012/02/depoimentos-revelam-como-estupros-em-festa-na-paraiba-foram-planejados.html?fbclid=IwAR2pQuChpYujwJOvo7WGbN_7wHJTvHJ2AqN9bXJXaioa4Irl0f6uAfBeKk>. Acessado: 01 de março 2022

EM audiência, vítimas de estupro coletivo na Paraíba relatam desespero e choram. **UOL**, João Pessoa, 04 de jun de 2012. Notícias. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/06/04/em-audiencia-vitimas-de-estupro-coletivo-na-paraiba-relatam-desespero-e-choram.htm?fbclid=IwAR2FMUgrKCQ9B2QA2oXqfFv162TGUSQPmsViaOnDc7zTBd9Q7_kcxZkeONE>. Acessado: 01 de março 2022.

MENICUCCI, E. Íntegra do discurso da ministra Eleonora Menicucci na cerimônia desanção da lei do feminicídio. **Governo Federal**, 2015. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/noticias-spm/noticias/integra-do-discurso-da-ministra-eleonora-menicucci-na-cerimonia-de-sancao-da-lei-do-femicidio#:~:text=Essa%20forma%20de%20assassinato%20n%C3%A3o,%20uso%20de%20viol%C3%Aancia%20extrema.>>. Acesso em: 26 de jan. de 2022.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. Campinas, SP: Papirus,

2005. SAFFIOTI, H. I. B.; ALMEIDA, Suely Souza. **Violência de**

gênero:

poder e impotência. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter, 1995.

ZILAH, K. Estupros em festa com duas mortes na PB foram planejados, diz delegada. **G1 Paraíba**, João Pessoa, 13 de fev. de 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2012/02/estupros-e-assassinatos-em-festa-na-pb-foram-premeditados-diz-delegada.html>>. Acessado: 01 de março 2022